



**MANUAL
DA
BOA MORADA**
PARA AUTISTAS

ANA FLÁVIA PONTES DOS SANTOS
2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLÓGICAS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

ANA FLÁVIA PONTES DOS SANTOS
ORIENTADOR MSC. FELIPE MOREIRA AZEVEDO

MACAPÁ, 2018

INTRODUÇÃO

A relação entre arquitetura e o autismo é o grande foco desta proposta. Que tem como objetivo pensar a interferência que a mesma pode incidir na evolução do quadro de desenvolvimento social, interação e qualidade de vida do autista.

Abordando dentro da problemática a influência dos espaços pensados, cores utilizadas, acessos e texturas.

E, com esta cartilha, apresentar pequenas soluções arquitetônicas, baseadas em estudos, artigos e publicações, que podem mudar a vida do autista.

O QUE É AUTISMO?



Considerado um distúrbio do desenvolvimento, o autismo se caracteriza por ser identificado em idade precoce, até os 18 meses de idade, que afetam importantes áreas do desenvolvimento humano, sendo elas a **comunicação, socialização, aprendizado e capacidade de adaptação.**

Alguns sintomas são reconhecidos pelos pais através da calma e sonolência da criança, posteriormente, é notado que a mesma não imita, aprende a se comunicar tardiamente, principalmente pela fala e gestos comumente observados em comparação à maioria delas, como acenar e bater palmas (MELLO, 2007).

Foram desenvolvidos vários métodos de diagnósticos e tratamentos para retirar um pouco da complexidade que o transtorno do espectro autista

já carrega. Hoje, o diagnóstico é totalmente clínico, e deve contar com no mínimo três médicos especialistas de diferentes áreas: Médico neurologista, psicólogo e fonoaudiólogo (MS, 2013).

São utilizadas escalas de avaliação para identificar e medir o grau de leve-moderado a severo da pessoa que aponta o caso. Uma das mais utilizadas é a Childhood Autism Rating Scale (CARS), a escala contém 15 itens ligados à capacidade, característica particular e comportamento, entre eles as avaliações pessoais, resposta emocional, visual e auditiva, imitação, medo, entre outros, com isso, são avaliados através de graus de 1 a 4, onde 1 está dentro dos limites da normalidade, e 4, sintomas autistas graves (PEREIRA, 2007).

DIAGNÓSTICO CARS:

01	Relações Pessoais	
02	Imitação	
03	Resposta emocional	
04	Uso corporal	
05	Uso de objetos	
06	Resposta a mudanças	
07	Resposta visual	
08	Resposta auditiva	
09	Resposta e uso do paladar, tato e olfato	
10	Medo ou nervosismo	
11	Comunicação verbal	
12	Comunicação não-verbal	
13	Nível de afetividade	
14	Nível e consistência a resposta intelectual	
15	Impressões gerais	



De acordo com pesquisa da ONU, realizada no ano de 2016, destaca-se que a cada 68 crianças nascidas, uma apresenta transtorno do espectro autista, correspondendo a cerca de 1% da população mundial (ONUBr, 2016)

BRASIL

+/- 1,2 MILHÕES AUTISTAS*

106 INSTITUIÇÕES*

CONCLUSÃO

O Brasil necessitaria de em média, 40 mil instituições para atender esta parcela da população. Logo, muitas pessoas autistas estão desamparadas, por não terem vagas e instituições suficientes para abranger o grande número de casos do país. E que, mesmo com as políticas públicas sendo atuantes, ainda há muita dificuldade de encontrar atendimento público regular devido à carência de profissionais especializados.

*Resultados obtidos através de pesquisa realizada entre os anos de 2011/2012 pela Associação de Amigos dos Autistas de São Paulo e Associação Brasileira de Autismo, aplicando questionários para saber as principais formas de trabalho, objetivos, infraestrutura das instituições que acolhem pessoas com autismo no Brasil



- **Magda Mostafa**, presidente associada do departamento de Arquitetura da Universidade Americana do Cairo, criou um Índice de Design do Autismo, que propõe: **libertar a rede sensorial da criança do tráfego desnecessário e do ruído sensorial do ambiente circundante - e fazer aqueles momentos fugazes onde eles podem se comunicar, responder, aprender e interagir um pouco mais.**

- A **Universidade do Arizona**, determinou, através de uma cartilha, diretrizes para construção para autistas, com o objetivo de guiar projetos de residências para adultos portadores de autismo, visando suprir a necessidade dos mesmos e analisa elementos que possam melhorar os desafios enfrentados, garantindo maior independência. Definiram, então, os seguintes pontos como pontos a serem prestados maior atenção na construção: **Segurança; Maximizar familiaridade com o espaço, estabilidade e clareza; minimizar sobrecarga sensorial; permitir oportunidades para manter o controle social, interação e privacidade; fornecer independência; Saúde e bem-estar; Estabelecer dignidade; Atenção durável; Alcance da acessibilidade; e por fim, garantir a acessibilidade e apoio em torno da vizinhança.**

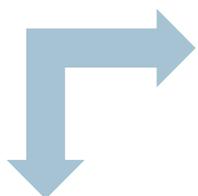
ARQUITETURA + AUTISMO



SER HUMANO ↔ ESPAÇO

Esta relação espaço e ser humano que necessita ser analisada para expor a influencia de cada um.

Para os autistas, a construção do espaço se torna um pouco mais restrito, tendo de ser adaptado as limitações de cada caso, para que a convivência com o social e construtivo tenha uma reação positiva.



Esta diferença acontece pelo distúrbio do desenvolvimento neurológico afetado, que é uma das características marcantes que facilitam o diagnóstico, e é ligado diretamente ao lado sensitivo do autista. Tendo alguns dos sentidos comprometidos, como tato, visão, audição, olfato, noção de temperatura, dor... E dentro da arquitetura, os que mais são influenciados, são audição, olfato e visão, e para isso, eles apresentam uma **hiper** ou **hiposensibilidade**. Dentro deste ponto também, aborda-se a noção de escala diferenciada.

“O ambiente construído é que fornece a grande maioria da entrada sensorial para o autista, sendo eles através das cores, da luz, acústica, configurações espaciais, entre outros, e é a partir da boa utilização destes elementos que é criada uma oportunidade para o qual o autista consiga assimilar melhor os ambientes públicos e que com isso, consiga melhorar sua comunicação, tanto visual quanto social, aquisição de habilidades e independência”

MAGDA MOSTAFA, 2013



SOLUÇÕES

Com base nas diretrizes citadas, algumas soluções foram propostas, com o objetivo de facilitar o dia-a-dia dos autistas, principalmente relacionado à pequenas possíveis modificações arquitetônicas, adequando-se às necessidades e limitações dos mesmos.

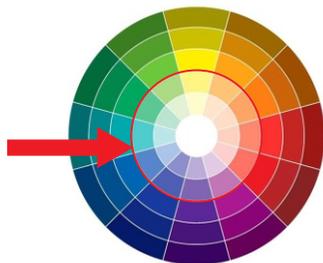


OPTE POR CORES CLARAS

As cores claras, neutras, oferecem sensação de calma e aconchego ao ambiente, faz com que, em momentos de sobrecarga sensorial, as cores transmitam a calma para o reequilíbrio.

DICA: Se optar em usar cores para não ficar um ambiente muito monótono, opte por cores não tão vibrantes, que não causem impacto aos olhos.

cores opacas



EX:



2 ACÚSTICA

Em ambientes com muitos ruídos, não preparados acusticamente, faz com que, para os autistas, o barulho seja amplificado, causando a confusão e sobrecarga sensorial.

Devido isto, é importante priorizar utensílios domésticos que potencializem a redução de ruídos, e em residências localizadas em bairros com muito fluxo, algumas adaptações arquitetônicas são importantes, como:

- **Paredes de Drywall** - O sistema de Drywall nas paredes internas da casa é interessante por ser uma técnica simples e benéfica para a residência. É composto por placas de gesso acartonado, e, durante a instalação, entre as chapas, é colocado uma camada de lã (rocha; mineral; pet; vidro). Funcionando assim um sistema de massa-mola-massa, já que a alternância de materiais reduz a transmissão das energias térmica e sonora para o ambiente.

EX:

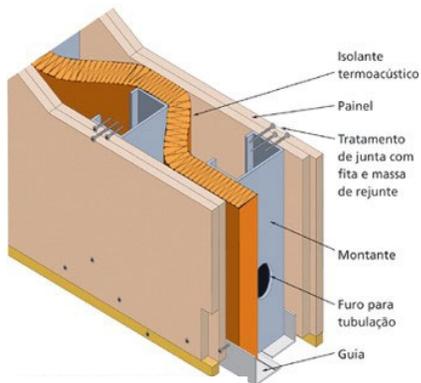


Ilustração de sistema de Drywall com tratamento acústico.



SEGURANÇA

A segurança, principalmente tratando-se de crianças, em alguns elementos comuns em residências.

- Chuveiro elétrico - por ter uma maior sensibilidade, é necessário cuidados ao manusear a temperatura do chuveiro para a saída de água quente.
- Escadas - a proteção de barreiras em escadas, é essencial para evitar possíveis acidentes em momentos de sobrecarga sensorial.
- Mobiliários com quinas e cantos 90° também necessitam de proteção emborrachada, ou devem ser evitados quando possível.



ÁREA EXTERNA

Trabalhar um paisagismo, por mais simples que seja, ajuda muito o desenvolvimento e interação do autista. O uso de hortas, jardim sensorial com árvores frutíferas, flores de diversas cores, fonte de água e etc.

O espaço verde, se torna também, um espaço de fuga, estimulando o reequilíbrio sensorial, e a familiarização com plantas, que podem ser estímulo para o aumento da sociabilidade.



O Brasil, que ainda está em processo de transição para a adaptação das grandes questões abordadas pelo autismo, mostrou, nas últimas décadas, uma maior preocupação relacionada à busca pela igualdade de direitos sociais, através do amparo das leis efetivadas, assistências públicas, e escolares. Porém, durante a pesquisa de referencial teórico, não encontrou-se material nacional abordando critérios e diretrizes direcionados aos autistas que pudessem trazer uma melhor orientação de parâmetros arquitetônicos.

Logo, visto que a cidade de Macapá se enquadra não só na precariedade de ferramentas teóricas, como também, de equipamentos de apoio para os autistas, surge a necessidade de instituições com uma visão não só escolar ou assistencial, como também, incentivadora da independência e bem estar, adaptando-se aos outros parâmetros, além de pedagógicos, mas de conforto, arquitetura e sustentabilidade.

A partir disto, a iniciativa desta cartilha, a fim de proporcionar, através da arquitetura, soluções simples e de pequeno porte, que resultem na melhoria da qualidade de vida para os autistas, e seus familiares.



REFERÊNCIAS

ARIZONA STATE UNIVERSITY. Advancing Full Spectrum Housing: Design for Adults with Autism Spectrum Disorders. Phoenix, 2009

MOSTAFA, Magda. An Architecture for Autism: Concepts of Design Intervention for the Autistic User. Revista ArchNet-IJAR. v. 2, n. 1, p. 189-211, Mar 2008

MOSTAFA, Magda. Architecture for Autism: Autism ASPECTSS™ in School Design. Revista ArchNet-IJAR. v. 8, n. 1, p. 143-158, Mar 2014

PEREIRA, Alessandra. Autismo Infantil: Tradução e valisação da CARS (Chilhood autism rating scale) para uso no Brasil. 114 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências Médicas: Pediatria. Universidade do Rio Grande do Sul, 2007.

SANCHEZ, Pilar; VAZQUEZ, Francisco; SERRANO, Laureano. Autism and the Built Environment. Espanha, 2011.

QUIRK, Vanessa. An Interview with Magda Mostafa: Pioneer in Autism Design. Archdaily. Out. 2013. Disponível em: <<http://www.archdaily.com/435982/an-interview-with-magda-mostafa-pioneer-in-autism-design>>. Acesso em: 08 Jun 2017

MELLO, Ana Maria S. Autismo: Guia Prático. 7 ed. São Paulo: AMA, 2007.

